

► voo de 50 minutos cujo maior prazer será a visão do cume negro do Kilimanjaro envolto nas argolas da bruma.

A ilha, vista das alturas, tem a forma de um pepino contraído e não é maior do que a nossa Madeira, habitat do soba Alberto João. O mar, sereno e rasteiro até à barreira de coral que cerca a ilha a toda a volta como um anel de cobalto, muda de cor no tempo de uma braçada como uma sucessão interminável de arco-íris.

A costa é um mundo à parte e tem a sua celebração a Sul e a Este, o lugar das melhores propostas de estadia e as mais concorrentes com a paisagem original. Nos últimos anos, proliferaram os 'resorts', sobretudo os de linhagem italiana, mas para felicidade do viajante avisado ficaram-se pela metade oriental, deixando o resto da ilha a salvo do 'charter' de Fiumicino.

Diga-se, contudo, que os 'resorts' da ala Itália não serão todos de fugir, valendo-lhes para tanto o respeito pelo estilo de construção indígena, as praias desterradas e as aldeias vizinhas que resistem aos avanços dos bulldozers. Aldeias de uma vintena de casas com telhados de folha de palma e paredes de pedra de coral. Aldeias de pescadores

O mar, sereno e rasteiro, até à barreira de coral, cerca a ilha como um anel de cobalto

e varinas que repartem o dia, eles entre a faina nos dhows, elas na recolha das redes e das algas deixadas na baixa-mar que daqui sairão para os laboratórios farmacêuticos alemães e holandeses a preços muito em conta.

Este é outro espectáculo a não perder (o das algas na baixa-mar), quando desce o mar e o areal se estende até perto da barreira de coral. Sobra então na paisagem toda uma orla deserta com um vulto de mulher ocasional e o murmúrio distante da batida lânguida das ondas. Na praia a perder de vista coqueiros e frangipanis dançam ao compasso solitário do vento.

Virados para o interior, a moldura da paisagem resume-se a uma ou outra vaca tresmalhada e plantações de banana e papaia que incensam o ar em todas as frentes. A floresta ocupa grande parte da ilha, mas não colherá o entusiasmo a não ser por uma espécie de macaco de focinho vermelho que raramente se divisa mas cujo grito de barítono é audível no topo do Kilimanjaro.

As memórias gravadas mais fundo sairão decerto dos dias passados junto ao mar e dos exercícios de contemplação e do ócio ou à conversa com os melodiosos swahilis. Os zanzibares amam a sua língua e não se cansarão de trilar os seus 'karibu' (bem-vindo), 'salaama' (paz), 'habari' (como está?), 'asante sana' (muito obrigado) ou 'kwa heri' (até à vista).

• E tudo o resto é conversa. Uma conversa deliciosa que certamente ficará bem guardada num álbum qualquer de recordações. Com o Índico como pano de fundo. **d**

